

**DIODORO SÍCULO E SUA APRECIÇÃO
DE ALEXANDRE MAGNO NO LIVRO XVII
DA *BIBLIOTECA HISTÓRIA***

**DIODORUS SICULUS AND HIS JUDGEMENT
OF ALEXANDER THE GREAT IN THE BOOK XVII
OF *LIBRARY OF HISTORY***

Thiago do Amaral Biazotto¹

RESUMO

Este artigo trata da colossal *Biblioteca Histórica*, do historiador siciliano Diodoro Sículo (c. 30-90 a.C.). O principal objetivo é analisar o julgamento de Diodoro a respeito da adoção de costumes persas por Alexandre Magno (356-323 a.C.), tentando estabelecer algumas das formas de alteridade empregadas por Diodoro.

Palavras-chave: Alexandre Magno, Diodoro Sículo, Monarquia Persa, Alteridade.

¹ Graduado em História e mestrando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Funari. Bolsista Fapesp. Gostaria de agradecer aos organizadores do Colóquio do CPA pelo convite da publicação, ao Prof. Dr. Fábio Morales e à Prof. Dr. Cida Almeida pelos comentários à apresentação da qual este artigo se originou, aos colegas de orientação e ao Prof. Funari pelos comentários à tradução do trecho de Diodoro ora apresentado, e, por fim, à Fapesp pela concessão da bolsa de mestrado.

ABSTRACT

This article deals with the colossal *Library of History*, by the sicilian historian Diodorus Siculus (c. 30-90 B.C.). The main objective is to analyze the judgment of Diodorus about the adoption of persian customs by Alexander the Great (356-323 B.C.), trying to establish some of the forms of otherness used by Diodorus.

Keywords: Alexander the Great; Diodorus Siculus, Persian Monarchy, Otherness

INTRODUÇÃO

Suetônio e Plutarco narram uma das mais conhecidas anedotas da Antiguidade. Estrelada por Júlio César, ela apresenta Alexandre em insólito papel de coadjuvante. Ou seria o contrário? O episódio se passa da seguinte maneira, na versão de Suetônio: durante sua primeira estadia na Espanha, César visitou um templo de Hércules, se deparando com uma estátua de Alexandre. Contemplando o brilho do mármore, o general lamentou sobremodo. Afinal, o macedônio, com a mesma idade que ele, já havia conquistado todo o mundo. Com sutis diferenças, Plutarco descreve choro copioso de César quando o romano leu um tomo sobre os prodígios de Alexandre, também na Espanha. A causa do pranto não se altera: nada de digno ele havia feito quando comparado a Alexandre.

De fato, César já havia passado por aventuras memoráveis. Havia se casado com Cossúcia e Cornélia e saído às pressas de Roma por conta de seus enteveros com Sula. Havia sido capturado pelos piratas da Sicília e feito das cruces o destino de seus algozes. Havia passado uma temporada no corte do Rei Nicomedes da Bitínia, o quê levantou suspeitas sobre sua conduta. Havia voltado a Roma e feito o elogio fúnebre de sua segunda esposa. Entretanto, nada disto se igualaria às proezas de Alexandre, que, com 20 anos, herdou a Macedônia de seu pai e correu das areias egípcias

aos planaltos persas, das florestas indianas aos cumes afegãos.

Mesmo o general Pompeu, maior rival de César, não se furtava à tentativa de encenar a imagem de Alexandre. Basta lembrar seu esforço em adotar o epíteto Magno, alusivo ao macedônio. Nos tempos em que Roma começava a esboçar seus domínios para o Mediterrâneo e além, prestar reverência àquele que foi responsável pela conquista de boa parte do mundo conhecido começava a se tornar comum.

Em cenário que transitava entre guerras civis e revoltas senatoriais, entre combates em bandas distantes e triunfos soberbos, o historiador siciliano Diodoro Sículo (c. 90 – 30 a.C.) registrou sua *Biblioteca História*, obra em 40 volumes cujo objetivo era passar em revista todos os acontecimentos da espécie humana. Com o intento de analisar de que forma Diodoro encarava a adoção de costumes persas por Alexandre, este artigo aventará as diretrizes gerais de seu texto, sua fortuna crítica, suas fontes e a imagem do conquistador traçada por ele, buscando levar em conta o cenário romano esboçado acima.

A VIDA DE DIODORO

Na esteira de alguns nomes da tradição da Antiguidade, Diodoro é generoso com seus os leitores e faz questão de revelar seu local de nascimento logo nas primeiras linhas da *Biblioteca Histórica*: Agira, na Sicília (*Diod.* I, 1, 4). Até os dias atuais, ele continua o filho mais ilustre da cidade. Escrevendo em 2006, Peter Green (2006: 3) afirma que há pouco havia sido erigida estátua em honra ao autor, além de uma conferência sobre sua obra ter sido sediada em Agira, no ano de 1984. Além disto, uma das poucas inscrições do período romano encontradas no município traz a mensagem “Diodoro, filho de Apolônio”, o que seria, no mínimo, enorme coincidência.

Graças aos habitantes romanos da ilha, Diodoro aprendeu latim, o que facilitou a leitura das fontes que viria a utilizar. O siciliano afirma que empregou três décadas na redação de sua obra, período em que viajou por porções da Ásia e Europa (*Diod.* I, 4, 4). Um dos locais visitados foi Egito, onde pesquisou na Biblioteca de Alexandria por cerca de quatro anos. Diodoro menciona algumas vezes sua estadia em terras egípcias, ocorrida em torno dos anos 60/56 a.C., quando do governo de Ptolomeu XII Auletes (*Diod.* I, 44, 1).

Em território egípcio, Diodoro relata episódio que, ocorresse nos dias atuais, seria classificado como acidente diplomático: a presença romana no Egito era comum durante o século I a.C., e, com frequência, embaixadores vindos da cidade eterna aportavam em Alexandria. Por acidente, um deles matou um gato, animal sagrado para os autóctones. Em que pese os esforços dos dirigentes locais, a população, furiosa, acabou linchando o emissário (*Diod.* I, 53, 1). Charles Muntz (2008: 3) supõe que Diodoro tivesse por volta de 30 anos quando do episódio, fazendo com que sua data de nascimento seja estimada em 90 a.C.

O fato de ter excursionado pelo Mediterrâneo fez com que Diodoro sofresse comparações com Heródoto, muitas vezes depreciando sua empresa por oposição à do historiador de Halicarnasso. Thomas Africa (1963: 254), por exemplo, afirma que Diodoro foi ao Egito apenas na condição de “turista”, atribuindo-lhe o nada elogioso título de “inepto compilador da era de Augusto”. Veremos como tais pareceres são quase *pró-forma* em se tratando da fortuna crítica diodoriana.

Não obstante, outros estudiosos consideram estéril enxergar Diodoro como viajante de acepção herodotiana; aquele que corre o mundo para testemunhar a história de modo a registrá-la em seus escritos. Ao contrário,

o siciliano se assemelhava a um “erudito de gabinete”, que peregrinava para conhecer livros, bibliotecas e arquivos. Reunindo tudo o que leu e observou, aspirava a sofisticar sua escrita (Mota, 2008: 27). Há inclusive quem considere Diodoro homem de ganhos vultosos, já que dispunha de tempo farto para suas atividades de pesquisa, leitura e escrita (Farrington, 1937: 5).

Após as temporadas no Egito, Diodoro foi a Roma, em algum momento antes de 45 a.C. Estipula-se a data já que o siciliano afirma ter visto o Rostro em frente ao Senado Romano (*Diod.* XII, 26, 1) e sabe-se que ele foi retirado em 45 a.C, a mando de César. O tempo que passou na cidade é incerto, embora Diodoro afirme que a estadia foi longa, graças à abundância de fontes encontrada (*Diod.* I, IV, 2-3). O último evento citado por ele é a colonização de Tauromênion (*Diod.* XVI, VII, 1), ocorrida sob Otávio, por volta de 36 a.C. (Mota, 2008: 21). O siciliano, porém, fornece outro indício mais tardio quando relata que os atuais governantes do Egito eram macedônios (*Diod.* 1, 44, 1-4). Levando-se em conta que os territórios egípcios caíram em mãos romanas após a Batalha de Áccio, em 31 a.C., tem-se o *terminus ante quem* mais aceito da *Biblioteca Histórica* (Green, 2006: 6).

Além das informações a respeito de Diodoro disponibilizadas pelo próprio, há apenas duas outras referências conhecidas. A primeira é de autoria de Jerônimo, em sua *Chronicon*, tradução para o latim da também *Chronicon*, do bispo palestino Eusébio de Cesareia. Escreve Jerônimo que, no ano de 49 a.C., “Diodoro Sículo (*Diodorus Siculus*), o escritor grego, é, agora, tido como famoso”. A segunda menção é encontrada na *Suda*, enciclopédia escrita em grego, encontrada no século X, em Constantinopla. Nela, lemos que Diodoro “viveu no tempo de Augusto César e um pouco antes” (Muntz, 2008: 2-3). Em todo caso, ambas as informações nada acrescentam ao que se sabe a respeito do historiador da Sicília.

A BIBLIOTECA HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.

Assim como o criador, a criatura também está envolta por controvérsias. Logo em seu próêmio (*Diod. I, I, 4*), Diodoro afirma que a *Biblioteca Histórica* é composta por 40 livros, dispostos da seguinte maneira: os seis primeiros dedicados às narrativas mitológicas anteriores à Guerra de Tróia, os três seguintes consagrados, quase em sua totalidade, aos povos não gregos, sucedidos por outros três que abordam os helenos. Na ordem, viriam onze livros que versariam da Guerra de Tróia à morte de Alexandre, seguidos pelos 23 restantes, que abarcariam da ascensão dos diádocos à vitória de César na Guerra das Gálias. Já aqui há inconsistência, uma vez que, ao somar-se os tomos elencados, chega-se à cifra 46 e não aos 40 prometidos (Mota, 2008: 21).

Ademais, há desconfianças a respeito da quantidade de livros em que o siciliano planejava dividir a Biblioteca Histórica. Em conhecido artigo, Catherine Rubincam (1998: 292) aponta pequenas incongruências de Diodoro sobre os últimos acontecimentos que planejava incluir na narrativa. Logo na tabula de eventos, ele afirma o desejo de estendê-la até por volta dos anos 60/59 a.C. (*Diod. I, 4, 7*). Em que pese tal promessa, Diodoro acaba, alhures, manifestando o desejo de relatar algumas façanhas de César, todas posteriores à data supracitada, tais como avanço do general em direção à Bretanha (55 a.C.) (*Diod. V, 21, 2*) ou sua vitória na Batalha de Alésia (52 a.C.) (*Diod. IV, 24, 2*).

Rubincam reconhece a tal ponto a aspereza da questão que apresenta uma série de hipóteses para solucioná-la. A primeira seria simples: Diodoro, de fato, tinha o objetivo de avançar até o triplo triunfo de César, mas, talvez fruto do peso da idade, mudou de ideia e recuou o escopo de sua narrativa.

Outra saída seria possível decepção de Diodoro com o próprio César, em virtude das últimas atitudes do general romano. Em diversos momentos, o siciliano se mostra simpatizante do vencedor de Pompeu e, ao ocultar os eventos controversos do final da sua vida, Diodoro tencionava fixar a imagem de um César íntegro. A última possibilidade dialoga com este ponto. Tratar, em meio aos anos terminais da República, de assuntos tão turbulentos quanto as últimas ações de César talvez fosse um tanto malsão ao autor (1987: 322-8).

Apesar da fecundidade de tais conjecturas, Rubincam, anos mais tarde, arvorou-se em hipótese ainda mais rebuscada: a de que Diodoro aspirava a escrever não 40, mas 42 livros para completar a Biblioteca Histórica. Segundo a autora, acreditava-se que o siciliano havia optado por dividir sua obra em quatro dezenas de livros, seguindo o modelo de Políbio – outro autor grego que escreveu durante o domínio romano. Todavia, ao se debruçar sobre as temáticas da Biblioteca Histórica, Rubincam notou que Diodoro dedica seus três primeiros livros aos costumes dos bárbaros e os três seguintes aos dos gregos, formando uma seção composta por seis livros. Tal opção não seria fortuita; indicaria o desejo de Diodoro em agrupar grandes temas em grupos de seis. Sete grandes tomos formados por seis unidades resultariam nos 42 livros planejados pelo siciliano. A seguir este raciocínio, Diodoro, por algum dos motivos já listados, teria escolhido reduzir o último conjunto de livros de seis para quatro, o quê, também de acordo com Rubincam, revelar-se-ia salutar: os feitos de Alexandre, registrados no livro XVII, funcionariam como uma espécie de limiar entre as ações humanas e míticas, ao passo que César, que Diodoro tanto admirava, receberia a devida homenagem nas páginas finais de Biblioteca Histórica.

Em todo caso, quer tenha sido pensada para fragmentar-se em 40 livros, quer em 42, a *Biblioteca Histórica* de Diodoro não sobreviveu integral

até nossos dias. Apenas 15 livros restaram de forma virtualmente intacta: os de número 1 a 5 e 11 a 20. De maneira fortuita, o livro XVII, que trata de Alexandre, encontra-se entre eles. Embora não se saiba em que momento os demais foram perdidos, reza a lenda que a última versão completa da obra foi destruída por ocasião do saque de Constantinopla pelos turcos otomanos, em 1453 (Mota, 2008: 21).

Nem mesmo o título do texto de Diodoro escapa a discussões. Já na Antiguidade, Plínio, o velho, no prefácio da *História Natural*, afirmou que “entre os gregos, foi Diodoro quem deixou as banalidades de lado e intitulou sua história de Biblioteca”, no que foi interpretado por estudiosos como Cynthia Mota (2008: 20) como ataque às qualidades de Diodoro chamando-o, de maneira velada, de compilador vulgar.

É possível também que a escolha do título tenha sido motivada pelo desejo de homenagear a Biblioteca de Alexandria, onde Diodoro pesquisou (Sacks, 1990: 77). Simon Hornblower (1981: 24), por seu turno, defende que a versão grega mais elaborada do título (*Biblioteca Histórica* - βιβλιοθήκης στορκής) é invenção posterior, talvez de copistas medievais.

Conforme exposto, o objetivo de Diodoro era redigir uma história dos acontecimentos compartilhados, comuns (κοινάσ πραξις) (*Diod.* I, 4, 6-7), cobrindo dos eventos prévios à Guerra de Tróia até as conquistas de César. Deste modo, fração considerável dos estudiosos de Diodoro vê seu desejo de redigir uma história universal como reflexo de aspectos políticos e sociais vigentes em seu tempo.

Kenneth Sacks (1990: 5) pondera que a *Biblioteca Histórica* espelha os pilares de finais do período helenístico, raciocínio desenvolvido por Green (2006: 19-20), para quem o íterim que vai da morte Alexandre à vitória de Otávio possui dois dados principais: o “alargamento” do mundo

conhecido pelos helenos, ocorrido graças às conquistas do macedônio, que fomentou alteração do pensamento “provinciano” da pólis em direção a um universalismo “cosmopolita” de inspiração estoica. Além disto, a solidificação do poderio romano teria modificado o quadro das relações sociais em fins do período helenístico. Assim, os dois fatores reunir-se-iam na criação de um momento caro à aparição de obras que aspirassem à escrita de uma história universal, que albergassem aquilo que era digno de registro entre o surgimento do mundo e a ascensão romana (Ferreira, n/d: 7).

Ademais, o quadro político e social durante os tempos de Diodoro era marcado, entre outros, pela prosperidade econômica, responsável pelo aparecimento de inúmeros homens de letras. Estes novos potenciais leitores teriam feito com que Diodoro tingisse sua narrativa com pigmentos moralizantes. O siciliano teria tido o cuidado de ser tão didático quando possível, optando pela narrativa linear e, por vezes, retomando os temas dos livros anteriores com o objetivo de reforçar certas passagens (Stylianou, 1998: 2-5).

Por fim, há que se recordar o papel dos gregos e de sua literatura na promoção de Roma à potência quase hegemônica do Mediterrâneo. Como sublinhou Mota (2008: 50-7), Ocidente e Oriente teriam, certo modo, se juntado sob a égide romana, alimentada muitas vezes pelos saberes gregos. A obra de Diodoro se encontra nesta encruzilhada de um universalismo à romana, mas ainda erigido sob a sombra dos gregos. Ao se reforçar as condições sob as quais o autor da *Biblioteca Histórica* atuava – historiador grego de nascimento, mas escrevendo para um público ansioso em compreender como Roma havia galgado ao posto em que se encontrava – torna-se impossível não recordar de Políbio, também grego e também radicado na cidade.

Mesmo não sendo o espaço para estabelecer uma comparação entre Diodoro e Políbio, autores da bibliografia consultada não passaram ao largo da tarefa. Estudiosos como Robert Drews (1962: 384) e Brian Sheridan (2010: 45-6) afirmam que Diodoro consultou o texto polibiano, enquanto Vidal-Naquet (2002: 154-5) não somente compara os métodos de Políbio e Diodoro como vê apreço semelhante de ambos em relação a Roma. No caso de Políbio, o envolvimento com os romanos é claro – além de ter sido o preceptor de Cipião Africano, o historiador da Arcádia criava em seus escritos “uma atmosfera em que as conquistas romanas se tornavam fáceis de compreender e difíceis de contestar”, segundo a expressão de Arnaldo Momigliano (1991: 31. *Contra* Moreno Leoni, 2012). Já da parte de Diodoro, K. Clarke (1999: 227-8) é favorável à tese de que o siciliano arquitetou a *Biblioteca História* de forma que ela desembocasse no surgimento de Roma como auge da civilização. Há, porém, uma distinção central entre Políbio e Diodoro; enquanto o primeiro foi ungido como expoente da historiografia antiga, restou a Diodoro não somente a pecha de copista servil, mais de copista servil inepto, assunto do próximo item.

UM ALVO, INFINITAS FLECHAS: A QUELLENFORSCHUNG E A BIBLIOTECA HISTÓRIA.

Como se sabe, a História Antiga deu seus primeiros passos como disciplina acadêmica na Alemanha do primeiro quartel do século XIX, contexto em que uma das especializações de seus estudiosos era a *Quellenforschung*, a busca pelas fontes utilizadas pelos autores da Antiguidade em suas obras e que, amiúde, eram outros autores antigos, dos quais só restaram fragmentos. Foi esta escola a principal responsável por negar a Diodoro qualquer mérito, condenando-o a reles elo para se chegar a outros autores mais valorosos.

Ainda que seja possível argumentar que os pareceres negativos sobre Diodoro tenham raízes na Antiguidade, haja vista o caso de Plínio, é o trabalho do alemão Christian Volquardsen, publicado em 1868, que inaugura a fortuna crítica do autor siciliano (Sacks, 1990: 3). Em linhas gerais, a tese de Volquardsen era de que Diodoro não possuía valor algum como escritor, já que seu trabalho se resumia a copiar fontes de forma mecânica. Ainda pior, o autor da *Biblioteca Histórica* era preguiçoso o bastante para optar apenas por uma fonte para cada período estudado e, não bastasse, ainda fazia o favor de copiá-la de maneira inábil (Muntz, 2008: 4).

O hábito de desestimar os dotes literários de Diodoro rendeu uma série de alcunhas infames. De acordo com Lens-Tuero (1994: 43), o auge de tal difamação é verbete sobre Diodoro escrito por E. Schwartz para a *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*, publicada em 1902. O veredicto é impiedoso: “Diodoro, o compilador – de obra não se pode nomear este livro!”. De fato, o artigo pouco fazia além de lançar libelos contra o siciliano e levantar as fontes (mal) utilizadas por ele: Hecateu, Ctésias, Posidônio, Políbio, Clitarco, Agatárquides, Megástenes, Éforo, Duris e Hiernônimo (Muntz, 2008: 5).

Schwartz não estava sozinho, porém. Theodor Mommsen o rotulou de “escritor miserável”, enquanto Barthold Niebuhr enfileirou epítetos nada elogiosos: “ingênuo, incompetente, tolo, inepto mesmo para um compilador” (Green, 2006: 24). A viragem para o século XX não representou o fim dos ataques. M. Kunz (1935: 73-82) chegou a negar-lhe a autoria de seu próprio proêmio, considerando que o siciliano o havia copiado de autores de maior quilate. W. W. Tarn (1948: 63) reforçou a incúria do autor da *Biblioteca História* ao afirmar que ele limitava-se a escrever que *achava* ser história. O. Murray (1975: 215) reduziu o método de trabalho de Diodoro à cópia acrítica de suas

fontes, aspecto também enfatizado por E. Badian (1995: 421-2). P. Stylianou (1998: 49), retomando críticas passadas, voltou a classificar Diodoro como mero compilador.

Sintomático constar que mesmo em períodos nos quais Diodoro é praticamente o único relato disponível – como nos eventos subsequentes à morte de Alexandre e a cronologia dos diádocos – o siciliano não é tido em alta conta. P. M. Errington (1977) e A. C. Anson (1986) são alguns dos que descartam a *Biblioteca Histórica* como fonte para o período supracitado. Até tradutores da obra de Diodoro, como Guzmán-Guerra, responsável por vertê-la ao espanhol, não tiveram dúvidas em considerar que a ela faltam o “rigor e vigor” de uma obra de maior envergadura (1986: 17). Por fim, como assinalou Muntz (2008: 17), até o *Cambridge History of Classical Literature*, que abarca dos primórdios da literatura grega até a Antiguidade Tardia, sequer reserva um verbete ao siciliano. Por estas e outras, François Chamoux não teve pudores em atribuir a Diodoro a alcunha de “o historiador mal-amado”.

Mas assim não seria para sempre. Diriam alguns que com sutil ironia, foi nas mesmas terras germânicas – berço de ferrenhos críticos do texto diodoriano – que nasceu um de seus primeiros defensores: J. Palm. Seu livro *Über Sprache und Stil des Diodoros von Siziliens* (“Sobre a linguagem e o estilo de Diodoro da Sicília”, em tradução livre), publicado em 1955, marca ponto de inflexão da fortuna crítica sobre Diodoro, ao defender que o siciliano possuía concepções historiográficas particulares, que garantiam-lhe uma escrita de próprio punho e o impediam de ser classificado como mero copista (Mota: 2008: 24).

Muitos foram aqueles que retomaram as considerações de Palm. Um deles foi Drews (1962: 384-392), que reconheceu em Diodoro o mérito de selecionar as melhores fontes que tinha à disposição – Éforo, Políbio,

Posidônio, entre outros – e agrupá-las de modo coerente mesmo diante do desafio de escrever uma obra que tratasse de toda a história humana. Além de Drews, pode-se citar J. M. Bigwood (1980: 207) que, se por um lado não se atrevia a denominar Diodoro de historiador de “primeira linha”, por outro não considerava justo vê-lo apenas como compilador, da mesma forma que R. Sinclair (1966: 245) e L. Sanders (1981: 398). Por sua vez, Sacks (1982: 434) interpreta que Diodoro não apenas havia reunido uma profusão de fontes, mas, também, escolhido as melhores entre elas, opinião compartilhada por Rubincam (1982: 313-28). Já Vidal-Naquet (2002: 143-165) e Mota (2008: 189) chegam a apontar reflexos da *Biblioteca Histórica* entre eruditos e apologistas cristãos, como os já citados Jerônimo e Eusébio de Cesareia, em especial quanto à inspiração em uma obra que objetivava narrar a história da humanidade em tons moralizantes. Há, inclusive, estudiosos como E. Bissa (2010: 64) que veem originalidade em Diodoro no que concerne às virtudes escolhidas para qualificar os bons governantes. O siciliano seria pioneiro em relacionar a austeridade financeira do líder e sua capacidade de bem governar.

O movimento de reavaliar em termos mais brandos os escritos de Diodoro tem seu ápice, no entender de Mota (2008: 24), em colóquio realizado na Universidade de Granada, em 1994. O evento resultou no livro *Estudios sobre Diodoro da Sicília*, organizado por Jesús Lens-Tuero, responsável por afirmar, no ato da publicação, que uma “nova ortodoxia”, mais favorável a Diodoro, estava se consolidando em oposição à *Quellenforschung* germânica.

Como fica patente, muitas das críticas recebidas por Diodoro referem-se a seu manejo com as fontes. Tido como amador, descuidado e, na melhor das hipóteses, compilador acrítico, o siciliano foi atacado por sua maneira

de utilizar-se dos escritos de outros autores. Aproveitando o gancho desta temática, o próximo item discutirá as possíveis fontes utilizadas por Diodoro em seu texto. Dada a magnitude da empresa diodoriana, a análise será limitada ao livro XVII, que trata da vida de Alexandre Magno.

AS FONTES DO LIVRO XVII DA *BIBLIOTECA HISTÓRICA*

Boa parte da primeira geração da fortuna crítica de Diodoro dedicava-se à busca das fontes utilizadas por ele na redação da Biblioteca Histórica. Não foi diferente com o livro XVII. Uma das maiores autoridades sobre Alexandre em todos os tempos, W. W. Tarn, desenvolveu teoria elaborada a respeito. De acordo com o britânico, a narrativa diodoriana foi arquitetada em uma assim chamada “fonte mercenária”, um autor grego desconhecido que serviu sob as ordens de Dario. Tarn assevera que seu posto o faria ter visão favorável tanto dos gregos quanto dos persas, além de considerá-lo autor competente e versado nos assuntos militares (1948: 71-2).

Entretanto, não tardou para que as conclusões de Tarn fossem contestadas. Peter Brunt (1962: 153), responsável pela tradução inglesa da *Anábese*, de Arriano, argumenta que a *Biblioteca Histórica* não dispõe de muitos trechos relativos aos mercenários, ao menos na quantidade esperada para uma obra que teve um mercenário como fonte. Ao contrário, seria o próprio Arriano quem forneceria os dados mais completos a respeito de soldados gregos lutando em favor dos persas.

Para dificultar ainda mais, C. Welles (1983: 6) nota que Diodoro, em nenhum momento do livro XVII, faz menções à primeira geração dos historiadores de Alexandre. Mesmo Ptolomeu, uma das principais fontes de Arriano, aparece no texto de Diodoro apenas como general. Em que pesem tais dificuldades, Welles expõe uma série de passagens que, quando

cotejadas aos fragmentos dos primeiros historiadores de Alexandre, apontam caminhos para as possíveis fontes de Diodoro.

Assim, o siciliano teria se valido de Calístenes para os relatos sobre o oásis de Siwah e o encontro entre o oráculo de Amon e Alexandre. Aristóbulo apareceria também na passagem sobre Siwah, na fundação de Alexandria e nos relatos sobre a fauna indiana. Clítarco seria o responsável pelas passagens envolvendo a queima de Persépolis, a excursão pela Hicárnia, na qual Alexandre encontrou a rainha das amazonas, dados sobre os animais de Índia, os números de um massacre promovido pelo conquistador já na viagem de volta, os costumes dos habitantes do deserto de Gedrósia e as elevadas cifras de cortesãs mantidas pelo sátrapa Hárpalo. Onesícrito seria responsável pelo relato da excursão pela Hicárnia, alguns trechos da expedição de retorno e o reencontro de Alexandre e sua tropa após a separação na Índia. Por fim, Nearco imprimiria sua marca em Diodoro nas descrições dos habitantes de Gedrósia e em dois momentos da reunião das tropas após a viagem de volta. Em suma, Welles (1983: 10) faz o seguinte levantamento: Clítarco é parafraseado oito vezes, Onesícrito seis, Nearco e Aristóbolo três e Calístenes duas.

Considerar Clítarco como viga mestra do livro XVII, todavia, está longe de ser consenso. E. Borza (1968: 25-45) desdiz tal possibilidade pelo fato de Clítarco, ao menos a partir de seus fragmentos sobreviventes, ser um tanto hostil a Alexandre. Diodoro, por outro lado, tinha postura elogiosa sobre o conquistador. M. Bergo (2008: 9-10) até admite o uso de Clítarco pelo siciliano, mas lembra de algo relevante: Clítarco escreveu, segundo a versão corrente, apenas no final do século IV a.C., e, muito provável, o fez apoiando-se em autores mais antigos como Aristóbulo, Onesícrito e Nearco.

Feito o intróito sobre Diodoro, a *Biblioteca Histórica* e seus comentadores, é o momento de passar ao Alexandre descrito pelo siciliano, dando ênfase ao momento em que o historiador trata da adoção de costumes persas pelo rei macedônio.

DELICADEZA E FAUSTO; A AQUISIÇÃO DE COSTUMES PERSAS POR ALEXANDRE

Entre as fontes da tradição textual sobre Alexandre, à exceção de Arriano, todas estarão em discurso harmônico a respeito do local onde o macedônio assumiu pela primeira vez os hábitos do Grande Rei: a Hicárnia. Também estarão em consenso quanto às circunstâncias de tal aquisição: após a vitória sobre Dario e com a conquista da Ásia já delineada. Eis a descrição oferecida por Diodoro

A partir de então, ocorreu (a Alexandre) ter alcançado suas expectativas e consolidado seu reino sem contestações e (ele) passou a emular a delicadeza persa e o fausto dos reis da Ásia. Com efeito, pela primeira vez, passou a cercar-se de camareiros de origem asiática em sua corte e, então, ordenou aos mais ilustres dos homens asiáticos que atuassem como guarda-costas, entre eles também estava o irmão de Dario, Oxatres. E, então, tendo colocado o diadema persa e vestido-se com a túnica branca e o cinturão persa e tudo o mais, exceto as calças e o vestuário superior com mangas. Tendo distribuído a seus companheiros da cavalaria mantos com bordas roxas e tendo equipado os cavalos com arreios persas. Além de tudo isto, agregou, à maneira de Dario, concubinas em número não inferior à soma dos dias do ano, de distinta beleza, como se

selecionadas entre todas as mulheres da Ásia (Diod. XVII, 77, 4-6)².

O excerto de Diodoro abre margem para diversas especulações. Em primeiro lugar, o siciliano relata adoção incompleta dos trajes do Grande Rei por Alexandre. O conquistador teria assimilado o diadema persa (Περσικὸν διάδημα), a túnica branca (διάλευκον [...] χιτῶνα) e o cinturão persa (Περσικὴν ζώνην). Alexandre, porém, teria recusado as calças (ἀναξυρίδων) e o vestuário superior com mangas (κάνδουος), ainda que Diodoro não dê as razões para tal adesão parcial, nem, tampouco, explique os porquês de Alexandre ter se decidido por envergar a indumentária real persa.

Na sequência, Diodoro fornece detalhes sobre o círculo pessoal de Alexandre, ao pontuar que o macedônio passou a fazer uso de guarda-costas asiáticos – entre eles o irmão de Dario, Oxatres – camareiros asiáticos, além de concubinas, eleitas entre as mais belas mulheres da Ásia. Além disto, o

² μετὰ δὲ ταῦτα δόξας ἤδη κεκρατηκέναι τῆς ἐπιβολῆς καὶ τὴν βασιλείαν ἀθήριτον ἔχειν ἤρξατο ζηλοῦν τὴν Περσικὴν τρυφὴν καὶ τὴν πολυτέλειαν τῶν Ἀσιανῶν βασιλέων. καὶ πρῶτον μὲν περὶ τὴν αὐλὴν εἶχε ῥαβδοῦχος Ἀσιαγενεῖς, ἔπειτα τοὺς ἐπιφανεστάτους τῶν Ἀσιανῶν ἀνδρῶν δορυφορεῖν ἔταξεν, ἐν οἷς ἦν καὶ ὁ Δαρείου ἀδελφὸς Ὀξάθρης. εἶτα τὸ τε Περσικὸν διάδημα περιέθετο καὶ τὸν διάλευκον ἐνεδύσατο χιτῶνα καὶ τὴν Περσικὴν ζώνην καὶ ἄλλα πλὴν τῶν ἀναξυρίδων καὶ τοῦ κάνδουος. διέδωκε δὲ καὶ τοῖς ἐταίροις περιπορφύρους στολὰς καὶ τοῖς ἵπποις Περσικὰς σκευὰς περιέθηκε. πρὸς δὲ τούτοις τὰς παλλακίδας ὁμοίως τῷ Δαρείῳ περιήγετο, τὸν μὲν ἀριθμὸν οὐσας οὐκ ἐλάττους πλῆθει τῶν κατὰ τὸν ἐνιαυτὸν ἡμερῶν, κάλλιπε δὲ διαπρεπεῖς ὡς ἂν ἐξ ἀπασῶν τῶν κατὰ τὴν Ἀσίαν γυναικῶν ἐπιλεγόμενας

Nota sobre a tradução: Conforme sugere Vernant (1984: 380), em seu pós-fácio à tradução francesa da Anábasis, de Arriano, é comum, entre os historiadores de Alexandre, empregar o termo hetairoi (que, neste trecho de Diodoro, aparece sob a forma de ἑταῖρος, no plural), no sentido de “companheiro a cavalo”, em contraposição aos pezhetairoi, que seguiam o conquistador a pé, sugestão que foi mantida nesta tradução. Ademais, o A Greek English Lexicon (p. 802) atribui ao verbo grego ζηλώω (ζηλοῦν no trecho de Diodoro), o sentido de emular, imitar, com sutil conotação negativa. O mesmo dicionário, por fim, dá o sentido de “median double” ou “upper garment with sleeves” ao termo κάνδουος (p. 921), traduzido aqui como vestuário superior com mangas, subentendido como persa pelo contexto do trecho.

conquistado teria dado a seus companheiros da cavalaria (ἑταῖρος) mantos com bordas roxas, além de ter dado ordem para que os cavalos fossem presos com arreios persas.

O trecho de Diodoro é descritivo e numeroso nos aspectos da monarquia persa assimilados por Alexandre, quer em seus trajes, nos de seus companheiros, em sua guarda de companhia e até mesmo na forma de atrelar os cavalos. O siciliano, todavia, evita, ao menos neste momento, maiores críticas ao conquistador. Suas palavras mais duras parecem voltadas à delicadeza persa (Περσικὴν τρυφήν) e ao fausto dos reis da Ásia (πολυτέλειαν τῶν Ἀσιανῶν βασιλέων), citadas no começo da passagem e que abrem caminho para uma primeira forma de alteridade presente no texto de Diodoro; a preguiça e inação, típicas do discurso sobre o outro, o reforça um dos objetivos deste artigo, qual seja, o que de que os trechos a respeito da barbarização de Alexandre acabam por encerrar críticas ásperas aos persas.

Embora, por vezes, violento, o outro da retórica de alteridade é, também, e a despeito do paradoxo, marcado pela apatia, pela inércia. Incapaz de arquitetar planos e em empreender feitos, o bárbaro persa de Diodoro parece possuir apreço pelo ócio, por uma existência vazia. Com efeito, não parece ser mera coincidência que Alexandre apenas assuma os trajes do Grande Rei após se ver livre de parte de seus anseios. Depois de vencer Dario e seu exército por três vezes, o êxito do conquistador parecia incontestado. Concluída fração de seus desejos, Alexandre viu-se diante de período sem preocupações, livre de inquietações. Viu-se, decerto, em momento propício à indolência, característica tão marcante do outro alvo dos discursos de alteridade.

A inação do bárbaro criado por Diodoro leva, a propósito, ao seguinte raciocínio. O outro parece dispor de tempo vago, ilimitado, quase infinito.

Dispensado de ocupações, ele preenche seus momentos ociosos, como típico da narrativa de alteridade, com ocupações condenáveis. No caso do excerto do siciliano, fica latente o gosto por trajés faustosos, que vão desde aqueles adotados por Alexandre – diadema, túnica e cinturão – até os mantos de bordas roxas dados pelo conquistador a seus companheiros.

Autêntico *topos* da literatura grega, a imagem das vestes persas aparece em contraponto à sobriedade deduzida da antiga indumentária de Alexandre. Em alguma medida, a vestimenta do outro edificado pela retórica de alteridade parece metonímia de sua existência; multiplica-se o esplendor e a pompa exterior, ao mesmo tempo em que se evidencia o vazio interior. O bárbaro parece ser aquele que deseja esconder seu âmago torpe por detrás de trajés faustosos.

Ainda que Diodoro afirme que Alexandre rejeitou alguns dos trajés do Grande Rei, subjaz à narrativa do siciliano certo incômodo com a decisão do conquistador em envergar peças que carregam o suposto fausto dos reis da Ásia. Ao fazê-lo, o macedônio parece externar desejo, mesmo tímido, de se diferenciar de seus pares, de antepor-se a seus comandados. Uma vez mais, a narrativa de alteridade de Diodoro parece esboçar o caráter do soberano do outro; aquele que não governa cidadãos, mas escravos, que não dirige companheiros, mas súditos. Demarcar esta distância que aparta comandante e comandados parece ser a conduta do líder bárbaro. E nada como a opulência dos costumes brancos, o brilho do diadema e a adoção de vasto séquito de camareiros e concubinas para substanciar esta assimetria.

Também é digna de registro a breve afirmação de Diodoro, segundo a qual muitos (πολλῶν) – embora o siciliano não explicita quantos e nem quais – passaram a queixar-se (μεμψιμοιρούντων) da nova postura de Alexandre. O macedônio, então, comprou seu silêncio com presentes (δωρεαῖς) (*Diod.*

XVII, 78, 1). Embora nada mais afirme sobre as reclamações que Alexandre ouviu, nem, tampouco, precise quem eram os queixosos, a informação de que o conquistador desbaratava rumores negativos à custa de regalos é reveladora.

Uma vez que o macedônio passou a fazer uso de tal expediente após apresentar-se com atributos do Grande Rei, o discurso de alteridade de Diodoro constrói a forma de negociação própria do outro; o suborno. O autor siciliano dá a impressão de que o soberano persa, que agora se vê refletido em Alexandre, é incapaz de argumentar com seus comandados, de modo que sua única forma de convencimento é a compra de consciências, seu único modo de discussão é o suborno.

Por fim, há dois outros aspectos importantes na passagem. Embora Diodoro enumere diversos novos hábitos de Alexandre próprios da delicadeza dos persas (Περσικῆν τρυφήν) – como o uso do diadema, da túnica branca e do cinturão persas, dos camareiros, concubinas e guarda-costas asiáticos, além dos arreios persas nos cavalos – é apenas neste momento da *Biblioteca Histórica* que o autor siciliano faz menção a eles. Nas páginas seguintes do livro XVII não há referências sobre o destino dos novos serviçais de Alexandre, nem dos potenciais conflitos causados pela indumentária do Grande Rei.

Mesmo este não sendo o espaço para discutir com profundidade as razões para a escolha acima, algumas especulações podem ser levantadas. De partida, nota-se um possível triângulo de admiração entre César, Alexandre e Diodoro, com o siciliano tecendo elogios tanto ao rei macedônio quanto ao general romano – que, por sua vez, também estimava o conquistador. Pois bem, é sabido que uma das motivações do assassinato de César em pleno senado romano foi a acusação de que ele estava em vias de se tornar um tirano, inimigo declarado da República. Se, no começo de sua carreira, César

era admirado, a sucessão de triunfos que empreendeu parece ter causado certo desconforto, que resultou em um dos mais conhecidos assassinatos da história. Deste modo, seria possível que Diodoro, ao evitar comentários negativos a respeito de Alexandre, estivesse, por consequência, defendendo César, de admiração explícita pelo macedônio?

Outro dado notável é a própria noção de bárbaro vigente à época de Diodoro, marcada, ao menos, por dois aspectos; as campanhas romanas contra Mitrídates IV, rei do Ponto, e as investidas de Roma contra os partos, em especial a Batalha de Carras, em 53 a.C., quando o general Crasso foi derrotado de forma esmagadora. O caso da guerra contra Mitrídates interessa por uma espécie de dupla filiação do soberano. Ainda que fosse um rei helenístico, precedido pelos diádocos e, em última instância, pelo próprio Alexandre – aspecto, aliás, que costumava sublinhar nas cunhagens monetárias, que o apresentavam à semelhança do macedônio (McGinn, 1986: 89-108) – Mitrídates também evocava suas possíveis origens aquemênidas, como registrado na *Vida de Pompeu* (42.3), de Plutarco. Ao narrar a decisão do general romano de enviar o corpo de Mitrídates para ser enterrado em Sínope, capital do Ponto, o autor beócio relembra o esplendor dos trajes militares do inimigo romano que, inclusive, portava um gorro persa (κίταριϋ), peça cara ao vestuário dos Grandes Reis.

Já no caso de Crasso, no contexto do Primeiro Triunvirato – em que o tácito equilíbrio de forças entre os generais era ladeado pela ânsia da glória obtida apenas nas vitórias militares – Crasso achou por bem empreender uma expedição contra o Império Parta, em 54 a.C., levando consigo suas sete legiões. A campanha se mostrou desastre completo, com o general sendo morto na Batalha de Carras, em 53 d.C. (Sant’anna, 2015: 124). A derrota de Crasso foi traumática para os romanos devido a duas razões em particular.

A primeira diz respeito ao modo vexatório como o general foi tratado após a morte. Uma versão oferecida por Plutarco na *Vida de Crasso* (35) informa que a cabeça do romano foi exposta na corte parta durante uma exibição das *Bacantes*, de Eurípides. Mais do que isso, o revés em Carras fomentou um tópico na literatura romana, em especial da época de Augusto, a saber, o clamor de vingança, a reboque da necessidade de restituir as insígnias perdidas pelas legiões de Crasso (García-Sánchez, 2013: 89). De fato, o próprio Augusto foi responsável pela recuperação das medalhas, em 20 a.C., e fez questão de gravar o feito em suporte material, no famoso Augusto de Prima Porta.

Deste modo, a narrativa de alteridade de Diodoro na *Biblioteca Histórica* pode possuir conexões com o intrincado cenário romano à época de sua feitura. Das aspirações de César e Pompeu em igualar as proezas de Alexandre até a ascensão de Mitridates e a derrota de Crasso na Batalha de Carra, muitos podem ter sido os fatores a contribuir com o texto do autor siciliano, que, apesar das críticas que sofreu, segue leitura proveitosa tanto por suas peculiaridades na descrição de Alexandre quanto, justamente, pela possibilidade de se traçar paralelos entre o passado narrado e o presente vivido pelo historiador da Sicília.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar a imagem de Alexandre Magno oferecida por Diodoro a partir do recorte da passagem em que o autor siciliano trata da adoção de costumes persas pelo conquistador. A hipótese defendida foi a de que mais do que críticas à conduta do rei macedônio, o texto de Diodoro acaba por perpetrar construções sobre o *outro* persa marcado pela delicadeza e pelo fausto. Por fim, buscou-se apresentar parte da fortuna

crítica da *Biblioteca Histórica* e discutir como o cenário político romano pode ter pesado sob a escrita do historiador siciliano.

BIBLIOGRAFIA

Edições de Diodoro

DIODORO SÍCULO. *Biblioteca Histórica – Libro XVII*, in PLUTARCO/DIODORO SÍCULO. *Alejandro Magno*. Trad. Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Akal, 1986.

DIODORO SÍCULO. *Historical Library – Books XVI e XVII*. Trad. C. Bradford Welles Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 1983.

Dicionário

LIDELL, H., SCOTT, R.; *A Greek-English lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

AFRICA, T. “*Herodotus and Diodorus on Egypt*”. *Journal of Near Eastern Studies*. Vol. 22, No. 4, pp. 254-258, 1963.

ANSON, E. “*Diodorus and the Date of Triparadeisus*”. *The American Journal of Philology*. Vol. 107, Nº. 2, pp. 208-217, 1986.

BADIAN, E. “*Diodorus Siculus*”. *Encyclopaedia Iranica*. Vol. VII, Fasc. 4, pp. 421-22, 1995.

BERGO, M. “*De macacos a babuínos: uma análise da fonte por trás de Diodoro*” III Seminário Interno do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos. UnB, 2008.

BIGWOOD, J. “*Diodorus and Ctesias*”. *Phoenix*, Vol. 34, No. 3, pp. 195-207, 1980.

BISSA, E. “*Diodorus Good Statesman and State Revenue*” In FEAR, A. & LIDDEL, P. *Historiae Mundi: Studies in Universal History*. London, New York: Bloomsbury, 2010.

BORZA, E. “*Cleitarchus and Diodorus’ Account of Alexander*,” *PACA*, XI, pp. 25-45, 1968.

- BRUNT, P. "Persian Accounts of Alexander's Campaigns". *The Classical Quarterly*. Vol. 12, No. 1, pp. 141-155, 1962.
- CLARKE, K. "Universal perspectives in historiography" in KRASSUS, C (Ed.) *The Limits of Historiography: Genre and Narrative in Ancient Historical Texts*. Leiden: Brill, pp. 249-79, 1999.
- DREWS, R. "Diodorus and his sources". *American Journal of Philology*. N° 83, pp. 383-92, 1962.
- ERRINGTON, R. "Diodorus Siculus and the Chronology of the Early Diadochoi, 320-311 B.C". *Hermes*, nº 105, pp. 478-504, 1977.
- FARRINGTON, B. *Diodorus Siculus: Universal Historian*. Inaugural Lecture of the Professor of Classics Delivered at the College on November 10, 1936. Aberystwyth: University of Wales Press, 1937.
- FERREIRA, J. "Diodoro da Sicília: A História Universal e a Universalidade Maravilhosa da Arquitectura" n/d. 1-22.
- GARCÍA-SÁNCHEZ, M. "El discurso sobre el bárbaro: Aqueménidas, Arsácidas y Sasánidas en las fuentes grecorromanas" in FORNIS, C. *Los discursos del poder/El poder de los discursos en la Antigüedad Clásica*. Zaragoza: Libros Portico, pp. 55-72, 2013.
- GREEN, P. *Diodorus Siculus, Books 11-12*. 37. 1. Austin: University of Texas Press, 2006.
- GUZMÁN-GUERRA, A. "Introducción" in PLUTARCO/DIODORO DA SICÍLIA. *Alejandro Magno*. Trad. Antonio Guzmán Guerra. Akal: Madrid, pp. 9-24, 1986.
- HORNBLOWER, S. *Hieronymus of Cardia*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- KUNZ, M. *Zur Beurteilung der Prooemien in Diodors historischer Bibliothek*. Zurich, 1935.
- LENS-TUERO, J. "Sobre la naturaleza histórica de la Biblioteca Histórica de Diodoro de Sicilia" In LENS-TUERO, J (org.). *Estudios sobre Diodoro de Sicilia*. Granada: Universidad de Granada, 1994.
- McGINN, B. *The Foreign Policy of Mithridates IV Eupator, King of Pontus*. Leiden: Brill, 1986.

- MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- MORENO-LEONI, Á. "Interpretando el mundo romano: etnografía, público y cultura griega en las 'Historias' de Polibio", *Gerión*, nº 30, pp. 63-90, 2012.
- MOTA, C. *As lições de História Universal da Biblioteca Histórica de Diodoro da Sicília como processo educativo da Humanidade*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2008.
- MUNTZ, C. *Diodorus, Egypt, and Rome*. Tese (Doutorado em Filosofia). Duke University, 2008.
- MURRAY, O. "Review of *Diodorus Siculus Book I: A commentary, by Anne Burton*". *Journal of Hellenic Studies*, nº 95, 1975.
- RUBINCAM, C. "How Many Books Did Diodorus Siculus Originally Intend to Write?" *The Classical Quarterly*. Vol. 48, No. 1, pp. 229-233., 1998..
- RUBINCAM, C. "The organization and composition of Diodoros 'Bibliothke'". *Classical Views*. nº 6, pp. 13-28, 1987.
- SACKS, K. "The lesser proemia of Diodorus Siculus". *Hermes*, nº 110, pp. 431-41, 1982.
- SACKS, K. *Diodorus Siculus and the First Century*. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- SANDERS, L. "Diodorus Siculus and Dionysius I of Syracuse" *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. Vol. 30, nº 4, pp. 394-411, 1981.
- SANT'ANNA, H. *História de República Romana*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SHERINDAN, B. "Diodorus Reading of Polybius Universalism" In FEAR, A. & LIDDEL, P. *Historiae Mundi: Studies in Universal History*. London, New York: Bloomsbury, pp. 41-55, 2010.
- SINCLAIR, R. "Diodorus Siculus and Fighting in Relays". *The Classical Quarterly*, Vol. 16, No. 2, pp. 249-255, 1966.
- STYALINO, P. *A Historical Commentary on Diodorus Siculus XV*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- TARN, W. *Alexander the Great*. 2 vols. Cambridge, 1948.

- VERNANT, J. "Flavius Arrien entre deux mondes" in ARRIANO, *L'Anabase D'Alexandre Le Grand*. Paris: Le Belle Lettres, pp. 311-394, 1984.
- VIDAL-NAQUET, P. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WELLES, C. "Introduction" In DIODORO SÍCULO. *Biblioteca Histórica – Livros XVI e XVII*. Trad. C. Bradford Welles Harvard: Harvard University Press, pp. 1-19, 1983.